



Director literario:

*António Camparita*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Collares*  
 PAPUSSE

# AVENTURAS DE PIM, DE PAM E DE PUM



Resolvem Pim, Pam e Pum,  
Festejando o S. João,  
Numa loja comprar um  
Enorme e lindo balão.

E agora nas mãos do Pim,  
Atam-lhe um fio em seguida,  
E um alfinete, no fim,  
Para uma grande partida.

Depois de feita a fogueira,  
— (Para o encherem de fumo,  
E assim seguir o seu rumo...)—  
A Pam espeta, lampeira,



O tal anzol, que levava,  
No chapéu duma senhora  
De farta guedelha loura  
Que todo o mundo gabava.

E então viu-se,—O com a breca!—  
Ao elevar-se o balão,  
Que a tal dama era careca  
Tal como a palma da mão!

O noivo, que estava ao lado,  
E lhe cantara os cabelos,  
Caiu-lhe aos pés, desmaiado,  
Ao ver-lhe a calva sem pelos.

# COLABORAÇÃO INFANTIL

## ERA UMA VEZ UM PRINCIPE COM ORELHAS DE BURRO

— DA TRADIÇÃO POPULAR —

POR ZULMIRA MARTINHO ALEXANDRE

—: DESENHO DE EDUARDO MALTA :—

UM rei e uma rainha andavam muito desgostosos porque, não tendo um filho, não tinham a quem deixar o trono. O rei mandou chamar três fadas para que dessem à rainha um príncipe herdeiro. As fadas prometeram satisfazer-lhe os desejos e que viriam assistir ao nascimento do príncipe. Ao fim de muito tempo nasceu aos reis um filho e as fadas fadaram o menino. A primeira fada disse: — Eu te fado para que sejas o príncipe mais formoso de todo o mundo. E a segunda fada disse: — Eu te fado para que sejas muito virtuoso e entendido. A terceira fada que era muito maliciosa, disse: — Eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro. Foram-se as três fadas embora e logo apareceram ao príncipe as orelhas de burro.

O rei mandou, então, fazer um barrete para o príncipe usar e para cobrir as orelhas de burro. Crescia o príncipe em formosura e ninguém na corte suspeitava que ele tivesse tais orelhas de burro. Chegou a idade em que ele tinha de fazer a barba e então o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe: Farás a barba ao príncipe mas se disseres a alguém que ele tem orelhas de burro mando-te matar. Andava o barbeiro com desejos de contar o que vira mas com receio de que o rei o mandasse matar calava-se.

Um dia foi-se confessar e disse ao padre. Eu tenho um segredo que me mandaram guardar mas senão o digo a al-

guém morro, e se o digo o rei manda-me matar. Aconselhe-me padre o que hei-de fazer. Respondeu o padre que fosse a um vale, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar aliviado desse peso e que depois tapasse a cova com terra. O barbeiro assim fez e, depois de ter tapado a cova, voltou para casa muito descansado. Passado algum tempo nasceu um canavial onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores, quando ali passavam com os seus rebanhos, cortavam canas para fazer gaitas mas quando tocavam nelas saíam umas vozes que diziam: — Príncipe com orelhas de burro! Começou a espalhar-se esta notícia por toda a cidade. O rei mandou vir à sua presença um dos pastores para que tocasse na gaita, e ouviu sempre as mesmas vozes que diziam: — Príncipe com orelhas de burro! O rei também tocou e também ouviu as vozes. Então mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao príncipe. Logo elas mandaram o príncipe tirar o barrete mas qual não foi o contentamento do rei, da rainha e do príncipe, ao verem que já lá não estavam as tais orelhas de burro! Desde esse dia as gaitas que os pastores faziam das canas do canavial deixaram de dizer: — Príncipe com orelhas de burro!



FIM

### BREVEMENTE Concurso de Desenho

PÁ  
TÁ  
PÁ

Poesias infantís

III VOLUME

DA

Biblioteca PIM-PAM-PUM!



José de Carvalho Inácio

MENÇÃO HONROSA

Série B



EDITH DE CHABY LARA

Menção honrosa do Concurso de Desenho — 1.ª Série



# A MORTE DE SANTA MARIA

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA  
DESENHO DE EDUARDO MALTA

UM dia, Nossa Senhora,  
Mamã do Nosso Senhor,  
Era já muito velhinha,  
Indo seu caminho fóra,  
Ouviu um certo rumor,  
Um bater de azas no espaço,  
Mesmo ao tombar da noitinha;  
Nisto, dos altos ceus tomba  
Uma branca e linda pomba  
Que lhe poisa no regaço  
E lhe diz: — Salvé-Rainha!

A Virgem não esperava,  
Ficou muito surpr'endida.

Tudo em volta escureceu;  
E já ela murmurava:

— Eis o fim da minha vida!  
Nisto um anjo com seu facho  
Atrás da pomba desceu  
Ao mesmo tempo que o ceu  
Se rasgava de alto a baixo!  
E para lá, para o rico  
Espaço cheio de luz,  
Levava a pomba no bico  
A alminha  
Tão levesinha,  
Da mãesinha  
De Jesus!  
E Ela então pensou melhor;  
Que a Vida não se acabava,  
Que era, então, que começava  
Ao pé de Nosso Senhor!

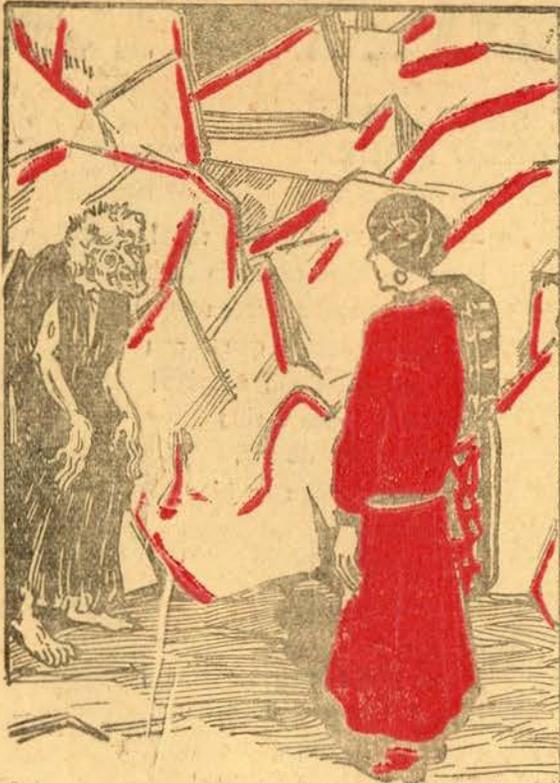
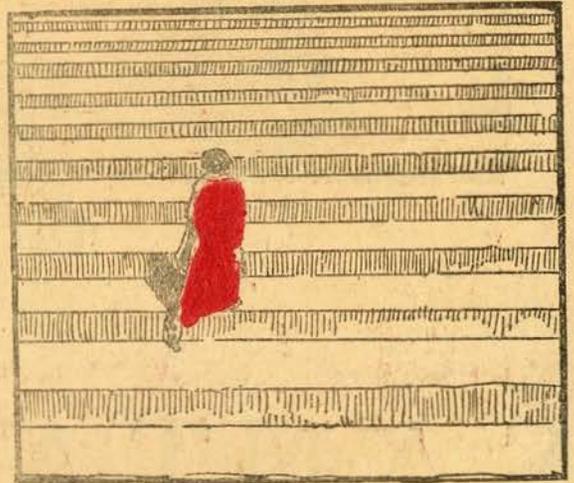


# BÔCA DE ESMERALDA

:: :: Por JOSE S. RAU :: ::  
Desenhos de EDUARDO MALTA

O mercador de tapetes persas, Omar, encontrando-se em país tibetano, chegou um dia, depois de atravessar florestas e riberros, a uma grande muralha de rochas. Cansado de procurar caminho e cheio de fome, ia retroceder quando lhe apareceu uma velha mais velha do que a própria velhice, tão corcovada e enghada que parecia ter nascido no começo do mundo. Omar perguntou-lhe se lhe podia dar de comer e de beber e, ao mesmo tempo, se lhe indicava uma passagem entre aquelas rochas. A velha grunhiu afirmativamente e levou-o para uma caverna tapada por silvedos espessos. Ali lhe deu um naco de pão negro e uma cabaça de água salobra. E quando Omar lhe pediu, de novo, que lhe indicasse o caminho, a velha mostrou o seu único dente e sacudiu-se toda numa gargalhada. E disse:

— Volta para a tua terra, mercador. Ali adiante ninguém precisa dos teus tapetes. O caminho que atravessa estas muralhas é o caminho do amor ideal, do amor per-



feito, que não existe entre os homens. Nunca algum deles, por mais corajoso, cheio de astúcia ou rico de filosofia, conseguiu, jamais, chegar ao limite desse caminho, onde, numa torre de neve onde batia o sol, vivia encantada a filha do primeiro rei da Mongólia, a princesa Bôca de Esmeralda. —

Omar ao ouvir estas palavras, esbugalhou os olhos e deixou cair os tapetes no chão. Depois, muito interessado, quiz saber a história da princesa Bôca de Esmeralda. Então a velha ali mesmo lhe contou que por aquela caverna se entrava para a maior montanha do mundo. Lá em cima, numa torre de neve onde batia o sol, vivia encantada essa linda princesa, que era a própria imagem da formosura. Tinha na bôca uma esmeralda e o seu encanto, que durava há dois mil anos, seria quebrado pelo homem forte e verdadeiro que lograsse vencer todos os obstáculos e alcançasse a sua divina presença.

— Soberanos, príncipes e guerreiros, tentaram durante séculos esta sublime aventura. Todos partiram desta caverna com um sorriso de esperança nos lábios. Uns robustos e resistentes, outros delicados e mimosos. Nenhum deles voltou da misteriosa montanha. Levados pela ilusão do amor, foram vítimas dos seus defeitos, porque só um homem generoso e bom pode desencantar a princesa Bôca de Esmeralda e receber dela o beijo da felicidade eterna. Eu sou a porteira, igualmente encantada, da princesa, e todos aconselhei conforme pode, mas com o tempo e com as dificuldades os pretendentes foram rareando e há já cinco séculos que nenhum aparece por aqui. Hoje vieste, mercador estrangeiro, na ignorância do que significa esta muralha de rochas. Agora que sabes, retira-te. A tua vida é vender tapetes e não desencantar princesas! —

A velha calou-se e espelou o horrível dente num pe-



— Este é o espelho que reflete a tua alma. Pela sua limpidez vejo que és bom, simples, honesto, laborioso e audaz. Na viagem que vais empreender encontrarás mil tentações. Procura resistir. Se sucumbires uma só vez serás transformado em estalpa de pedra, como os outros. A quem te aparecer e te pedir o espelho, seja homem ou bicho, mostra-o sem o largares da mão. Puro e claro, será a tua salvação. A mais ligeira névoa, nele, condenar-te-há irremissivelmente. Antes de partir ouve, porém, a voz do bom-senso. Não seria melhor voltar para a tua terra? —  
 Ele sorriu, desembaraçado e alegre:

— Voltarei, depois, com a princesa. —  
 A velha vendou-lhe os olhos, levou-o pelo braço durante algum tempo e parou.

— Conta até cem. Depois, abre os olhos. Subirás a escadaria da montanha. Encontrarás cinco terraços, o primeiro de sangue, o segundo de ouro, o terceiro de mármore, o quarto de ferro, o quinto de granito. Se conseguires vencer as tentações dos cinco terraços, chegarás à torre de neve. Adeus, mercador. —

Omar contou até cem e abriu os olhos. Viu diante de si uma escadaria monumental que se perdia na montanha. Aos lados, dormia uma treva sem fundo. Lá no alto, como

daço de pão. Omar baixou a cabeça, pensativo. O dente da velha fazia, no pão, um insuportável ruído de serrote. Ele murmurou:

— Então há quinhentos anos que ninguém aparece? E ninguém quebrou o encanto da princesa! —

— Ninguém. Viverá assim, como eu, até ao fim do mundo. —

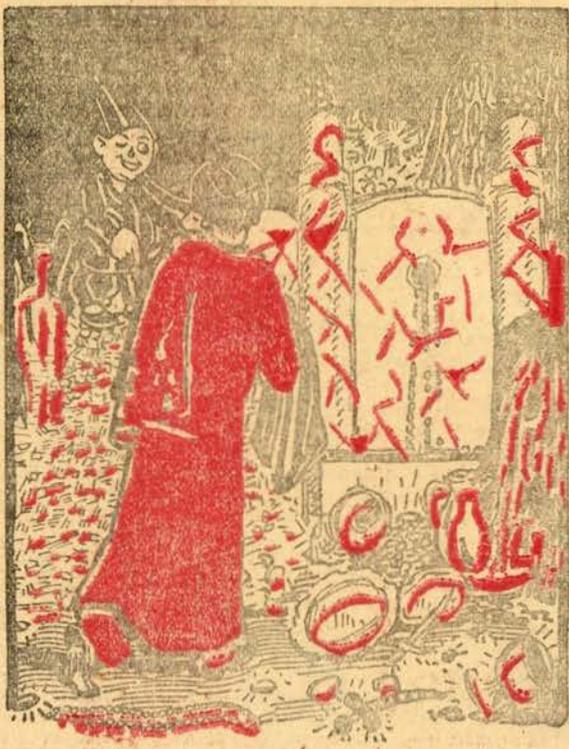
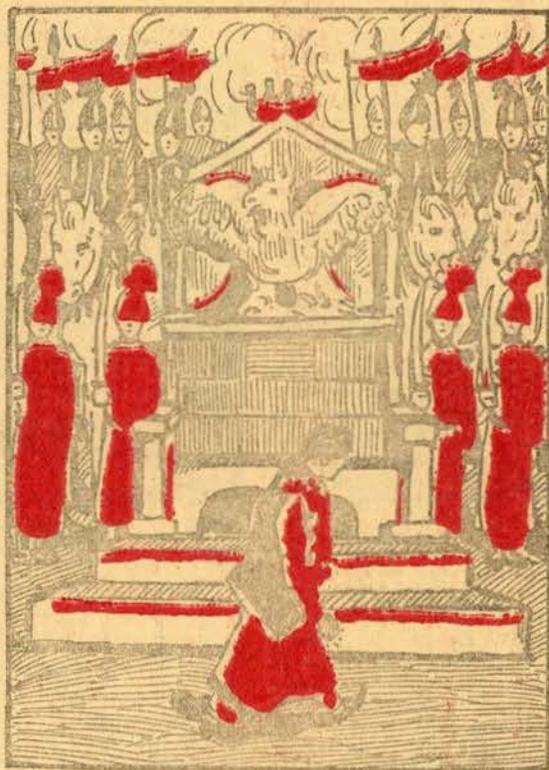
— E que dirias tu, oh velha, se um pobre mercador de Teheran ousasse tentar a aventura? —

Ela deu uma gargalhada de desprezo.

— Louco! Lembra-te que nem o rei de Bengala conseguiu triunfar. A tua vida é vender tapetes. —

— Pois bem, irei vender tapetes à princesa Bôca de Esmeralda! —

A velha achou graça e Omar tanto insistiu, tanto suplicou, que ela acabou por ceder aos seus desejos. Foi a um canto e voltou com um espelho na mão.



uma fogueira distante, brilhava o sol. O ar era doce e temperado, deixando na língua um vago sabor de frutos. Então, Omar, decidido aos maiores cometimentos, começou a subir aquela escadaria mágica.

Após longas horas de esforço, chegou ao primeiro terraço, todo vermelho de sangue coagulado e mal entrou viu avançar uma serpente enorme que dardejava lume pelos olhos amarelos. A serpente aproximou-se e prendeu-o nos seus azeis coruscantes, esmagando-lhe a carne e os ossos, ficando-lhe o pescoço, escancarando uma bôca hedionda. Omar sentiu-se desfalecer mas nem por um momento perdeu ânimo. A serpente desapareceu e ele viu diante de si um tigre soberbo, que arreganhava as fauces. Heroicamente, sem hesitar, desafiou o tigre. A sua única arma era um sorriso imenso. O tigre pulou sobre ele, cravou-lhe as garras no peito, lançou-o no chão, abriu as guelas e a cabeça de Omar mergulhou num poço ardente e pútrido. Compreendeu que ia morrer e aceitou a morte. Porém a morte não o quiz e ele encontrava-se agora rodeado dos animais mais horrorosos da terra, sósinho e indefez no meio de crocodiles, de hienas, de chacais, de ursos, de lobos, de cobras, de lagartos, de javalis, de

dragões, de víboras e dum verdadeiro oceano de insectos infernais e vermes repugnantes. Omar cruzou os braços e continuou a sorrir. Então, tudo aquilo se transformou num quadro de supplicios, em que pobres condenados eram submetidos a complicadas torturas: um esquartejado, ficava sem braços e sem pernas, outro era dilacerado a golpes de machado, outro tinha as órbitas vazias e queimadas. Ouviam-se gritos lancinantes e do céu baixava uma nuvem de corvos. Omar contemplou serenamente aquele espetáculo sem nome e atravessou o terraço. A' saída encontrou um escravo negro, que lhe pediu o espelho. Estava limpo e claro como uma manhã de primavera. Ao lado do negro viu milhares de estatuas de pedra. Eram aqueles a quem faltára a coragem no terraço de sangue. Subiu de novo a escadaria e, já muito alto chegou ao segundo terraço, que era feito de ouro. A seus olhos deparou-se uma scena tabulosa: o terraço continha a maior riqueza do mundo, ao pé da qual o tesouro de Ali-Baba seria coisa insignificante. Montes de pedrarias juncavam o solo e de algumas fontes de marfim jorravam, perpétuamente, longos fios de pérolas cor de rosa. Moedas raras, punhais cravejados de diamantes, cofres de ébano e nacar, colares de rubis e bandejas cinzeladas, estofos bordados e xaires pomposos, entrecruzavam-se ali numa desordem que delu m b rava. Quem possuísse aquilo tudo seria dono do mundo inteiro. Omar, ao contrário dos negociantes, não era ambicioso e apenas demorou naquele infinito faiscante um olhar curioso e calmo. Então, duma pilha de topázios, surgiu um anão vestido de veludo, que lhe disse:

— Estas riquezas são tuas. Só elas te darão a verdadeira felicidade. —

Mas ele afastou o anão com braço e continuou o seu caminho. A' saída encontrou outro escravo negro que lhe pediu o espelho. Estava socegado e transparente como uma lagôa. Ao lado do negro viu as mesmas estatuas de pedra. Eram aqueles que não haviam resistido à ambição do ouro.

Subiu de novo a escadaria e já tão alto que apenas via as nuvens, chegou ao terceiro terraço, todo de mármore azul celeste. Mal entrou nêlo ouviu os acordes triunfais duma trombeta, logo seguidos por um rufo de tambor. A' esquerda e à direita viu regimentos perfilados, de ofuscante uniforme, lanças com bandeirolas e espadas nuas. Ao centro, levantava-se um trono vazio, com um escudo de prata onde se desenhava uma águia de azas abertas. Em volta do trono agrupavam-se os generais taciturnos, vencedores de mil batalhas e os officiais elegantes, flores metálicas da guerra. Todos êles ostentavam decorações diversas e agradáveis à vista. Mais atrás a guarda de honra era formada por um esquadrão de cavalaria. Couraceiros magestosos, de capacetes de plumas, montavam corceis árabes que escarvavam o solo impacientemente. Quando Omar entrou no terraço, todas as lanças e todas as espadas se agitaram no ar, como uma grande palpitação de luz. O general em chefe, tendo ao pescoço uma venera de esmalte, dirigiu-se ao mercador e convidou-o a ocupar o trono vazio. Depois pôs joelho em terra, imitado por todos os officiais e as trombetas começaram a tocar uma marcha vibrante. O espectáculo era imponente e teria convencido um espirito orgulhoso. Mas Omar era modesto e simples e se demora atravessou o terraço de mármore. A' saída encontrou outro escravo negro que lhe pediu o espelho. Estava sereno como uma taça de cristal. Viu as mesmas estatuas de pedra, mas em menor quantidade. Eram aqueles que não haviam resistido à tentação da glória.

Subiu de novo a escadaria, sempre mais alto, até que chegou ao quarto terraço, todo de ferro escuro. Ia por ali uma verdadeira azafama de officina e centenas de operários, de dorsos suados, entregavam-se aos mais fatigantes misteres. Assim que o viram, pediram-lhe que os ajudasse, ao que êle acedeu de bom grado. Acarretou, aos ombros, grossas vigas de ferro e pançudos sacos de areia. Serrou traves espessas, onde feriu os dedos, e aqueceu um forno gigantesco cujo calor fazia chorar e secava a garganta. Por fim deram-lhe uma bigorna e um martelo e êle ficou durante horas a despedir golpes cadenciados e duros. De longe a longe, parava para respirar ou limpar o suor e logo continuava a sua tarefa sem um assomo de aflição. Este e assim até que os operários se cansaram, abandonaram as ferramentas, e vieram todos em sua volta. Então, Omar achou que cumprira o seu dever e alegremente se dirigiu para a saída do terraço. Mostrou o espelho a outro negro. Estava puro e brilhante como a auréola dum anjo. Havia ainda estatuas de pedra, mas em número reduzido, talvez meia dúzia. Eram aqueles que não tinham resistido ao esforço do trabalho.

Subiu de novo a escadaria e em breve chegou ao último terraço, todo de granito severo. Nesse terraço não viu ninguém. Era enorme, redondo e liso. Percorreu-o distraidamente e ia já a sair quando se lhe deparou um rapazito estendido no chão. A sua magreza causava dó. Omar inclinou-se sobre êle e ouviu-o murmurar:

— Morro de fome e de sede...

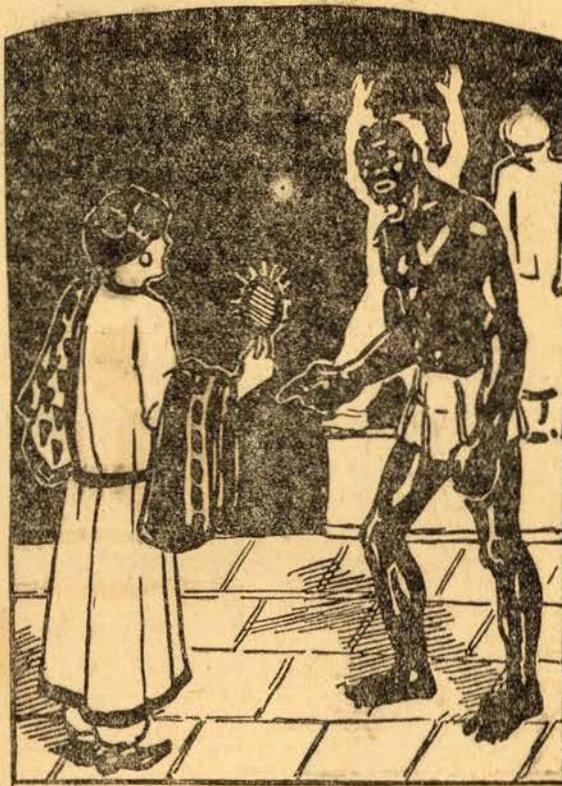
Aflitissimo, procurou pelo terraço um bocado de pão. Encontrou apenas o granito duro. O céu, impassível, não lhe deu a esmola doce da chuva. O rapazito levantava agora os braços desesperados e a sua voz, quebrada e fina, ecoava tristemente. Então, Omar, com o coração palpitando de carinho, estilhaçou o seu espelho contra a parede, aproveitou uma lasca aguda e com ela rasgou o peito. Depois, como uma mãe solícita, chegou o rapazito ao colo e deu-lhe de beber o seu próprio sangue. E quando o viu adormecer, saciado e de bôca vermelha, dirigiu-se, tremulamente, para a saída do terraço. Não lhe apareceu nenhum escravo negro, a quem êle pudesse mostrar o seu espelho partido. E não havia ali nenhuma estátua de pedra, porque, de todos os pretendentes de Bôca de Esmeralda, nenhum conseguira passar do terraço de ferro.

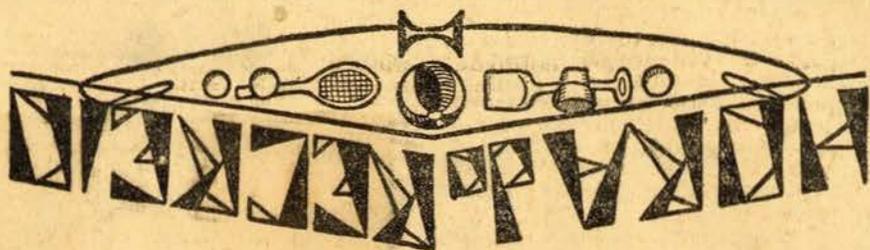
Agora o caminho era plano, entre arvoredos, e foi assim que Omar chegou, finalmente, à desejada torre de neve. Era uma torre sem janelas e sem portas, tão alva e deslumbrante que o obrigou a cerrar os olhos. Quando os abriu, viu a seu lado um boneco de neve, todo branco, que o acolheu com estas palavras:

— Deixa-me felicitar-te, Omar, pela tua façanha. E's a primeira creatura que chega a estes domínios. Vencêste as tentações dos cinco terraços encantados e no último dêles, o terraço da fome, fizêste o sacrificio da tua própria vida. Mereces, sem duvida, o amor da princeza Bôca de Esmeralda. Mas antes de subires à torre de neve, quero dizer-te que és o homem mais extraordinário do mundo!

E o boneco de neve fez uma reverência humilde. Então, o veneno da vaidade penetrou no coração de Omar, sujou-o de prosápia, inchou-o de satisfação, e o bocado do espelho de sua alma tornou-se num carvão sem brilho. Ah sim, êle era sem duvida um homem extraordinário, porque vencera os horrores do medo, a atração do dinheiro, a tentação da glória, o esforço do trabalho e soubera praticar o bem até ao sacrificio do seu sangue!

(Continúa na página 8).

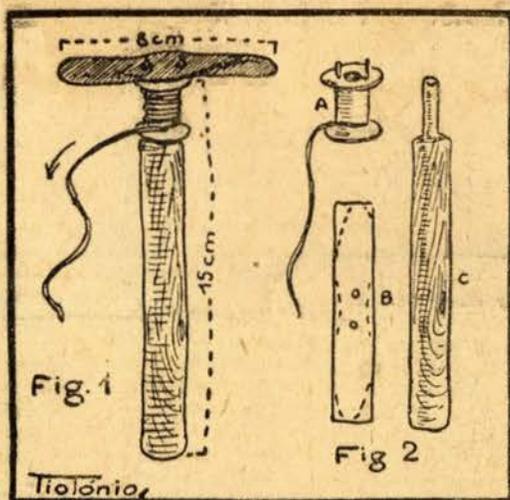




# HÉLICES AÉREAS

Para se construir este «grande» aparelho, bem poucos materiais são precisos:

- Um carrinho (fig. A).
- Um pedaço de folha de ferro, que se corta no feito de hélice (fig. B).
- Um pau com 15 centímetros de comprimento, cortado da maneira que indica a (fig. C).
- Um cordel e dois pregos sem cabeça.
- Espetam-se fortemente os pregos no carrinho, em frente um do outro.



Torcem-lhe um pouco as pontas em sentido contrário e prepara-se o «aparelho», enrolando o cordel no carrinho (fig. 1).

Puxando com energia o cordel, o carrinho desenrola-se, transmitindo o movimento à hélice, que se solta, e sobe lentamente a uma dezena de metros.

*Observação* (a sério)— Quando lançarem a hélice, tenham muito cuidado com os vidros ou com os espectadores!

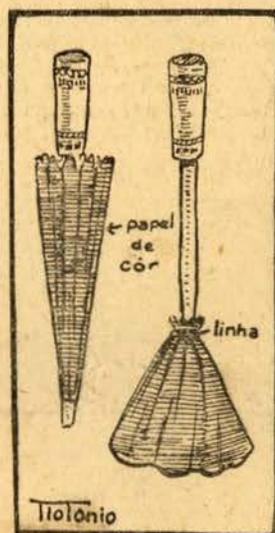
## UMA SOMBRINHA

Não acham que faz pena, que com o calor que está, andem as bonecas ao sol, em perigo de apanharem uma doença de gravidade?

Pois, «mamãs» extremosas, podem remediar esse mal, fazendo para as suas «bêbês» uma sombrinha...

Um pausito redondo, uma rodela de papel de côr, frizado e... eis tudo.

Tão fácil...



Ao carrinho prende-se um cordel forte, que tenha pouco mais ou menos 70 centímetros.

Na hélice fazem-se dois furos redondos, que ajustem nos pregos, de modo a que saia com facilidade.

Tiotônio.

Meus meninos:

Vejam se descobrem o dono destas lindas casinhas Não anda muito longe.



## ADIVINHAS

I

E'inda maior que o mar,  
Mais ligeiro do que o vento;  
E' grande em caixa pequena,  
E descobre todo o invento.

II

Só andam se sopra o vento,  
Serviço prestando ao homem;  
Trabalham socegados  
E pouca cousa consõemem.

Almira Gonçalves

Decifração das anteriores:

- 1 — O Século.
- 2 — Toiro.

## Continuação do conto: -- BOCA DE ESMERALDA

disse isto em voz alta e o boneco de neve tocou-o num ombro e ele sentiu, com terror, que se mudava em pedra da barriga para baixo. Compreendeu que sucumbira ao último obstáculo, o mais traiçoeiro e o menos visível, mas nem por isso perdeu a serenidade e, dirigindo um saudoso olhar à torre de neve, exclamou:

— O castigo é justo, princesa. A vaidade é o pior dos defeitos.

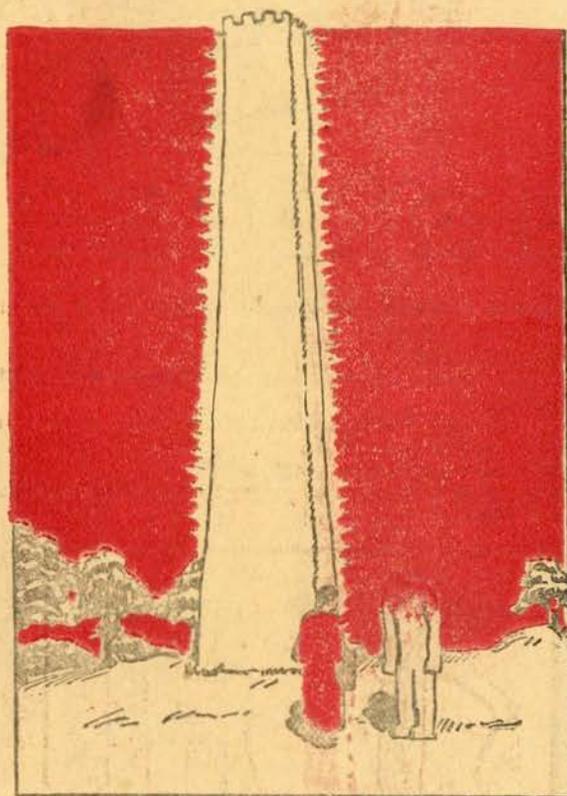
Palavras não eram ditas, Omar sentiu os movimentos livres e viu, na torre de neve, abrir-se uma porta. Para ela se encaminhou, louco de contentamento, entrou na torre e subiu inúmeros degraus. Ao chegar ao alto da torre, encontrou a princesa Boca de Esmeralda, vestida de sêda e ouro, tendo a seu lado uma pobre menina em farrapos. Eram ambas lindas, duma beleza igual, inacreditável. Omar considerou-as demoradamente. Agora que via duas mulheres em vez duma e de tão diferentes condições, não sabia qual escolher. A princesa seduzia-o com o seu luxo, mas a outra enternecia-o com a sua modéstia. Omar, que era inteligente, falou-lhes assim:

— Vim à torre de neve para desencantar-vos, princesa. E mal cuidava encontrar-vos também, menina. Se vós, princesa, quereis provar o mel da liberdade, serei vosso libertador. Porém gostaria de escolher-vos, menina, para minha esposa, pois que sou um pobre mercador e aos



meus hábitos rudes quadra melhor a simplicidade do que a opulência. Vós, princesa, encontrareis facilmente no mundo um príncipe poderoso. A esta menina eu darei pois a ajuda do meu braço, de que ela necessita e que vós é inútil. Quanto ao amor ideal, eu na verdade vos digo que um grande e belo amor me satisfaz, porque eu não sou um homem ideal e a minha casa, em Teheran, é tão baixinha que no seu telhado secam melões e tâmaras. De vós, menina, espero uma resposta adorável. De vós, princesa, espero como única recompensa que não esqueçais a minha profissão. Os melhores tapetes da Persia são os tapetes de Omar.

Proferido este discurso, em que entravam tantas virtudes e qualidades (o bom senso, a galantaria, a sinceridade e o instinto do comerciante honesto), Omar preparou-se para desencantar a princesa e a menina em farrapos.



pos. Mas todo aquele cenário de lenda se sumiu e apenas ficou a princesa Boca de Esmeralda, que lhe lançou os braços ao pescoço e lhe disse:

— Omar, eu sou aquela menina em farrapos que escolheste para esposa, eu sou a princesa Boca de Esmeralda. O resto era uma ilusão, o derradeiro e mais difícil obstáculo da tua aventura. Outro qualquer teria desprezado os meus farrapos e teria adorado a riqueza e as joias. Tu, obedecendo ao coração e à razão, foste direito à verdade, desencantaste a filha do primeiro rei da Mongólia e conquistaste o seu amor. Mas eu compreendo a nobreza dos teus sentimentos e irei contigo para Teheran e serei tua esposa perante Deus e tratarei da tua casa baixinha em cujo telhado, segundo dizes, secam os melões e as tâmaras.

E ali mesmo Boca de Esmeralda deu a Omar o beijo da felicidade eterna. E ainda hoje vivem ambos em Teheran, que, como os meninos devem saber, é a capital da Persia. Ela é linda como a cauda dum pavão iluminada pelo sol. Ele é quasi tão rico como o califa Harum-Al-Raschid.

Vejam agora os meninos a moralidade desta história e acreditem que a gente, nesta vida, para encontrar a felicidade, deve trabalhar enquanto for preciso, ser bom até ao sacrifício, desprezar os gozos do dinheiro, esmagar as satisfações do orgulho e ter muita coragem contra todos os perigos.

Mas isso só não basta, meninos, e é também necessário ser-se amável, sensato e sincero. Porém, como os homens são às vezes invejosos e ruins, um bocadinho de astúcia não é demais. Por exemplo: quem vender tapetes, deve gabar os seus tapetes, pois de contrário morreria à fome. E agora vamos lá a apostar que, se os meninos fizerem o que acabam de ler, encontram todos uma princesa Boca de Esmeralda?!

